

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA

MARIA LUIZA QUERINO ANDRAUS

**PERCEPÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DE TUTORES DE CÃES QUANTO À
IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO CONTRA DOENÇAS VIRAIS**

UBERLÂNDIA

2020

MARIA LUIZA QUERINO ANDRAUS

**PERCEPÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DE TUTORES DE CÃES QUANTO À
IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO CONTRA DOENÇAS VIRAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Medicina Veterinária, graduação em Medicina Veterinária, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Santana da Hora

UBERLÂNDIA

2020

MARIA LUIZA QUERINO ANDRAUS

**PERCEPÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DE TUTORES DE CÃES QUANTO À
IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO CONTRA DOENÇAS VIRAIS**

Projeto de pesquisa aprovado na disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso II pela banca
examinadora:

Uberlândia, 15 de Dezembro de 2020.

Profa. Dra. Aline Santana da Hora
Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Carolina Franchi João
Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Sofia Borin Crivellenti
Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, pela minha vida, pelo caminho que me foi trilhado, por ter me abençoado e dado forças durante toda trajetória até aqui.

Agradeço aos meus pais Luiz Cláudio e Rosângela, por possibilitarem a realização desse sonho, por todo o zelo, por serem minha base de amor. Aos meus irmãos, Vinícius e Marina. Aos meus avós, Lenalda e José, por mesmo que indiretamente me incentivarem a buscar ser uma profissional cada vez melhor para poder ajudar-lhes no futuro. Agradeço ainda a toda minha família que sempre me deu muito amor, esse é sem dúvida o maior gás para os dias difíceis.

Agradeço ao Renan, meu grande companheiro nessa jornada, que me amparou nos momentos que eu mais precisei, me incentivou diariamente e me deu muito amor.

Agradeço a todos os amigos que foram minha companhia em Uberlândia e que fizeram minha caminhada ser mais leve, em especial a Geovana, Lana, Maria Eduarda e Stela. Aos meus amigos de Taubaté pela torcida e pela amizade, em especial à Catharina, Gisele, Raissa e Thaís.

Agradeço aos meus caninos que estão no céu, Luigi e Max, por me despertarem o interesse em ser Médica Veterinária. A minha canina Juju, por ser minha inspiração para ser uma profissional melhor.

Agradeço imensamente a Prof^a. Dra. Aline Santana da Hora, por ter me proporcionado esse trabalho maravilhoso, por ter me acolhido, por toda atenção, oportunidades e ensinamentos. Você é um grande exemplo de profissional dentro da Medicina Veterinária. Eternamente grata por tudo.

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia por me acolher e a todos os professores que passaram pela minha vida, em especial a Prof^a. Dra. Sofia Borin Crivellenti por exercer com tanta excelência e dedicação a profissão, pela paciência em tirar minhas dúvidas fora do horário de aula, por todos os ensinamentos e por ser uma grande inspiração.

Agradeço aos membros da banca, por dedicarem seu tempo visando à melhoria desse trabalho.

A todos que contribuíram para o meu crescimento e torceram por mim, o meu muito obrigada!

RESUMO

O Brasil apresenta a segunda maior população de cães do mundo, com isso faz-se necessário auxiliar os tutores desses animais com informações fidedignas com a finalidade de uma melhor saúde animal. Dentre diversos temas que podem ser abordados, o mais básico e importante a ser tratado, é a vacinação. A difusão do conhecimento acerca da vacinação contra as doenças virais, trará grande benefício para a comunidade, impactando diretamente na saúde animal por meio da redução drástica dessas afecções prevenidas pela vacinação. Além disso, haverá melhora na saúde humana, porque a raiva, uma doença viral de caráter zoonótico e fatal, é prevenível por vacinas. Foi selecionado um total de 204 tutores de cães que frequentavam o Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia. Primeiramente, as informações relativas aos tutores e seus animais foram obtidas por meio de um questionário que abordou aspectos socioepidemiológicos e relativos à criação dos cães. Em seguida, os tutores receberam informações quanto à importância da vacinação e, conseqüentemente, à prevenção de doenças virais por meio do uso de vacinas. Foi possível observar que 43,62% (n=89/204) dos tutores possuíam ensino superior completo e apenas 5,88% (n=12/204) não tinham acesso à Internet. 66,17% (n=135/204) dos tutores permitiam aos seus animais o acesso à rua e somente 30,88% (n=63/204) castraram todos os seus cães. A maioria dos tutores (74,50%; n=152/174) declararam que seus animais eram vacinados com a antirrábica e, possivelmente, a campanha antirrábica teve um papel importante nesse resultado, visto que 53,44% (n=93/174) dos tutores relataram levar seus animais para serem vacinados na campanha. Com relação à vacinação polivalente, observou-se que a população canina de Uberlândia não possui cobertura vacinal mínima contra o vírus da cinomose canina e o parvovírus canino, apesar da maioria (75,98%; n=155/204) dos tutores terem conhecimento da existência da vacina polivalente. Além disso 28,16% (n=49/174) dos tutores declararam levar seus animais para serem vacinados em casas agropecuárias. O veterinário (54,90%; n=112/204) e a Internet (45,09%; n=92/204) foram as maiores fontes de informação sobre cuidados com os cães que os tutores declararam utilizar. O presente estudo atingiu diretamente 204 tutores de cães com ações educacionais focadas na prevenção de doenças virais por meio da vacinação. Conclui-se que, no

geral, o perfil socioepidemiológico dos tutores de cães entrevistados favorece uma prática de criação quanto a um manejo sanitário adequado, contudo, evidenciou-se que esses cães eram criados de forma que os colocavam em situação de risco de adquirir doenças infecciosas, pois os cães tinham acesso à rua, muitos não eram castrados e a cobertura vacinal era inadequada. Adicionalmente, percebeu-se que os tutores são complacentes quando a educação em saúde é realizada corretamente.

Palavras-chave: Cães. Doenças Virais. Educação em saúde. Vacinação.

ABSTRACT

Brazil has the second largest population of dogs in the world, thus making it necessary to provide dog owners with reliable information to offer better animal health care. Among several topics that could be addressed, the most basic and important one is vaccination. The dissemination of knowledge about vaccination against viral diseases will bring great benefit to the community, directly impacting animal health through the drastic reduction of these diseases prevented by vaccination. In addition, human health will also improve because rabies, a fatal zoonotic viral disease, is preventable by vaccines. A total of 204 dog breeders who frequented the Federal University of Uberlândia School of Veterinary Medicine's Veterinary Hospital was selected. First, information about the owners and their animals was obtained through a questionnaire that addressed socio-epidemiological aspects and how the dogs were bred. Then, owners received information about the importance of vaccination and, consequently, the prevention of viral diseases through the use of vaccines. It was observed that 43.62% (n=89/204) of the owners had higher education degrees and only 5.88% (n=12/204) did not have access to the Internet. 66.17% (n=135/204) of the owners allowed their animals to access the street and only 30.88% (n=63/204) neutered all their dogs. Most owners (74.50%; n=152/174) declared that their animals were vaccinated with rabies vaccine and, possibly, the rabies campaign had an important role in this result, since 53.44% (n=93/174) of the owners reported taking their animals to be vaccinated in the campaign. Regarding multiantigen vaccination, it was observed that the canine population of Uberlândia does not have minimum vaccination coverage against canine distemper and canine parvovirus, despite the majority (75.98%; n=155/204) of the owners being aware of the existence of the multiantigen vaccine. In addition, 28.16% (n=49/174) of the owners declared to take their animals to be vaccinated in agricultural supply stores. The veterinarian (54.90%; n=112/204) and the Internet (45.09%; n=92/204) were the main sources of information on dog care that the owners claimed to use. The present study directly reached 204 dog breeders with educational actions focused on the prevention of viral diseases through vaccination. In conclusion, the socio- epidemiological profile of the interviewed dog owners favors a breeding practice in

terms of adequate sanitary management. However, it became evident that these dogs were raised in a way that put them at risk of acquiring infectious diseases, because these dogs had access to the street, many were not neutered and vaccination coverage was inadequate. Additionally, owners are complacent when health education is carried out correctly.

Keywords: Dogs. Health education. Vaccination. Viral Diseases.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Objetivos	13
1.1.1 Objetivo Geral	13
1.1.2 Objetivos específicos	13
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 Cinomose	14
2.2 Parvovirose canina	14
2.3 Raiva	15
2.4 Vacinação em cães domésticos	16
3 METODOLOGIA	19
3.1 Local de estudo e população	19
3.2 Aplicação do questionário	19
3.3 Educação em saúde animal	19
3.4 Análise estatística	19
4 RESULTADOS	21
5 DISCUSSÃO	30
6 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICES	43

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. Distribuição em número absoluto com relação ao maior nível de escolaridade de pelo menos um dos membros da família dos tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia. 21

FIGURA 2. Distribuição em número absoluto com relação à quantidade de pessoas que dividem a mesma casa que os tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia. 22

FIGURA 3. Distribuição em número absoluto com relação à quantidade de pessoas que exercem atividade remunerada na residência dos tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia. 22

FIGURA 4. Distribuição em número absoluto nos diferentes setores da cidade de Uberlândia com relação a localização das residências dos tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia. 23

FIGURA 5. Distribuição em número absoluto dos tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia com relação ao acesso à Internet. 23

FIGURA 6. Distribuição em número absoluto com relação à quantidade de cães por residência dos tutores (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia. 24

FIGURA 7. Distribuição em número absoluto do número de tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia que responderam que seus animais possuem acesso à rua. 24

FIGURA 8. Distribuição em número absoluto das respostas dos tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia com relação a castração dos seus cães. 25

FIGURA 9. Distribuição em número absoluto com relação às vacinas fornecidas nos últimos 12 meses pelos tutores de cães (n=174) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia. 25

FIGURA 10. Distribuição em número absoluto com relação aos locais em que os tutores de cães que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia vacinaram seus cães nos últimos 12 meses (n=174). 26

FIGURA 11. Distribuição em número absoluto com relação à quantidade de vezes que os tutores (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia foram ao veterinário nos últimos 12 meses 27

FIGURA 12. Distribuição em número absoluto dos tutores de cães (n=155) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, que foram à consulta veterinária no último ano, com relação a ter recebido informações sobre vacinação para seus cães. 27

FIGURA 13. Distribuição em número absoluto com relação a maior fonte de informação utilizada pelos tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, para cuidar de seus cães. 28

FIGURA 14. Distribuição em número absoluto dos tutores de cães que não vacinaram corretamente ou que nunca vacinaram (n=114) seus cães e que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, com relação à pretensão da atualização do cartão vacinal do animal conforme à necessidade, após a transferência de informações. 28

1 INTRODUÇÃO

Dentre os animais denominados de “animais de estimação”, estão os cães, que no Brasil correspondem uma população estimada de 52,2 milhões (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO, 2017). Em uma pesquisa online, 58% (n=877/1.512) da população brasileira entrevistada declarou possuir cães como animais de companhia (GFK, 2016). A posse de animais de estimação vem crescendo e com tal crescimento deve ocorrer uma crescente demanda por cuidados preventivos de saúde, incluindo o fornecimento de proteção contra doenças infecciosas através da vacinação (DAY et al., 2020). No grupo de vacinas essenciais para cães, ou seja, aquelas que todos os animais devem receber, se encaixam, principalmente, as vacinas contra cinomose e parvovirose, ambas doenças virais (DAY et al., 2016). Por meio de uma meta-análise, foi possível observar que a frequência da cinomose canina variou de 10% (n=292/2.916) a 50% (n=1.458/2.916) no Brasil (COSTA et al., 2019). Em algumas regiões do país, a soroprevalência da parvovirose canina em cães não vacinados pode chegar a 68,7% (n=561/817) (DEZENGRINI et al., 2007).

Já foi demonstrado que 11,70% (n=250/2.136) dos cães submetidos à necropsia na Universidade Federal de Santa Maria - RS apresentaram lesões e corpúsculos de inclusão característicos da infecção por vírus da cinomose canina, representando a principal causa de morte em cães submetidos à necropsia neste local (HEADLEY; GRAÇA, 2000). A gravidade da cinomose foi evidenciada em um trabalho conduzido em um Hospital Veterinário, dentre os animais que necessitaram de eutanásia devido ao prognóstico bastante desfavorável, 12,65% (n=20/166) correspondiam aos cães com cinomose (MENEZES et al., 2005). A infecção pelo agente da parvovirose foi observada em 46% (n=157/341) das amostras de fezes coletadas de animais com sinais de gastroenterites, demonstrando sua alta ocorrência (CASTRO et al., 2007).

A vacina contra a raiva é considerada essencial em locais onde a doença é endêmica (DAY et al., 2016), como no Brasil. As ações de vacinação contra a raiva resultaram em um ganho notável para saúde pública brasileira, já que o país passou de um cenário de mais de 1.200 cães positivos para raiva e uma taxa de mortalidade de raiva humana em consequência do contato com cães de 0,014/100 mil habitantes

em 1999, para um cenário de nove casos de raiva canina e nenhum registro de raiva humana por cães em 2018 (BRASIL, 2018).

Segundo um estudo conduzido em Canoinhas - SC, verificou-se que 61,33% (n=184/300) da população canina recebeu a vacina óctupla (contra cinomose, adenovírus tipo 2, parainfluenza, parvovírus, coronavírus canino e leptospirose) e antirrábica, sendo que a porcentagem total dos cães que nunca receberam nenhuma vacina foi de 32,67% (n=98/300). Neste estudo todos os tutores entrevistados consideraram de grande importância a divulgação de mais informações sobre guarda responsável (PEDRASSANI; KARVAT, 2017).

Considerando o exposto, há a necessidade de caracterizar o perfil e a percepção dos tutores de cães com relação à vacinação e aspectos da criação desses animais para um maior entendimento das situações de risco que estão submetidos. Devido à grande importância tanto pra a saúde animal como para a saúde pública de doenças virais como cinomose, parvovirose e raiva, evidencia-se a necessidade de ações educativas com a finalidade de disseminar a informação de que as vacinas contra essas doenças são essenciais.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo geral avaliar aspectos relacionados com a percepção e realizar a conscientização dos tutores de cães quanto à importância da vacinação.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Delinear os aspectos socioepidemiológicos dos tutores de cães;
- b) Conhecer os aspectos relacionados à criação desses animais que os podem colocar em situação de risco;
- c) Conscientizar os tutores de cães quanto à importância da vacinação adequada para prevenção das principais doenças virais caninas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Cinomose

A cinomose é uma doença viral multissistêmica grave, altamente contagiosa que acomete cães e possui distribuição mundial (GREENE; VANDEVELDE, 2015; SYKES, 2014). O vírus da cinomose canina (CDV, do inglês *Canine distemper*), membro da família *Paramixoviridae*, gênero *Morbillivirus*, possui RNA de fita simples com polaridade negativa (REGENMORTEL et al., 2000) e apresenta um envelope lipoproteico, portanto, é susceptível às condições ambientais, sendo importante o contato entre os animais para manter a transmissão viral (SYKES, 2014).

Levando em consideração que o Brasil possui 52,2 milhões de cães (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO, 2017) e que a ocorrência da cinomose pode variar de 10 a 50% (COSTA et al., 2019), um total de 5,2 a 26 milhões de cães podem ser acometidos por essa doença todos os anos.

O vírus é eliminado por vários meses por meio de secreções nasais e lacrimais, além de saliva e fezes de cães subclínica ou clinicamente acometidos (CATROXO, 2003). Os cães são geralmente expostos ao CDV através do contato com secreções oronasais infectadas (SYKES, 2014).

Os cães infectados por CDV podem apresentar lesões nos sistemas cutâneo, digestório, respiratório, neurológico (KOUTINAS et al., 2004) e cardiovascular (REZENDE et al., 2009). A principal lesão observada durante o exame anatomopatológico de animais diagnosticados com CDV foi a encefalite desmielinizante não supurativa (n=205/250), demonstrando que os altos índices de mortalidade da cinomose estão associados ao acometimento neurológico (HEADLEY; GRAÇA, 2000).

Esta doença não possui tratamento específico, portanto o manejo terapêutico do animal é baseado em terapia de suporte, além do tratamento específico de afecções secundárias, como pneumonia bacteriana (GREENE; VANDEVELDE, 2015; LAPPIN, 2015; SYKES, 2014).

2.2 Parvovirose canina

A parvovirose canina é uma doença infectocontagiosa causada pelo parvovírus canino tipo 2 (CPV-2, do inglês *Canine parvovirus*), essa afecção está associada a elevada mortalidade e morbidade na população canina (PRITTIE, 2004).

O genoma desse vírus é composto por DNA de fita simples, recoberto por um capsídeo e sem envelope. O CPV pertence ao gênero *Parvovirus*, família *Parvoviridae* (NAKAMURA et al., 2004; MARTELLA et al., 2004) e é classificado em três tipos: CPV-2a, CPV-2b e CPV-2c, sendo que este último predominou no Brasil em um estudo realizado entre 2008 e 2010 (PINTO et al., 2012).

Por ser um vírus não envelopado, é altamente resistente em condições ambientais, favorecendo a infecção de um maior número de animais (GREENE; DECARO, 2015)

O vírus vem se mantendo na população canina do país e a sua presença foi demonstrada em alguns estudos (STROTTMANN et al., 2008; CASTRO et al., 2007). CPV foi o vírus mais comumente observado (70%; n=35/50) em animais com distúrbios gastroentéricos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (GRANADOS, 2015). Em um outro estudo, foi demonstrado que de 56 animais com gastroenterite hemorrágica, 53,57% (n=30/56) eram positivos para CPV (PINTO et al., 2012).

CPV é transmitido por contato oral com vômito, fezes e fômites contaminados (SELLON; CRAWFORD, 2010). É possível observar que cães de diferentes idades, raças ou sexo podem ser acometidos, apesar disso é mais comum detectar animais positivos até os seis meses de idade (PINTO et al., 2012).

Os sinais clínicos clássicos da doença são vômito, anorexia, letargia e diarreia com conteúdo sanguinolento (CASTRO et al., 2007). Nenhum antiviral demonstrou eficácia comprovada para o tratamento da infecção por CPV, portanto, o tratamento consiste, principalmente, em cuidados de suporte ao animal, além de antibioticoterapia para combater septicemia (GREENE; DECARO, 2015).

2.3 Raiva

A raiva é uma doença infecciosa, de etiologia viral e caráter zoonótico, que causa encefalite aguda em mamíferos. Apresenta alta transcendência e uma letalidade de aproximadamente 100%, sendo ainda considerada um grave problema

de saúde pública (BRASIL, 2019). O vírus da raiva pertence à ordem *Mononegavirales*, família *Rhabdoviridae* e gênero *Lyssavirus* (FAUQUET et al., 2005). Trata-se de um vírus envelopado, com aspecto de projétil e genoma constituído por uma fita simples de RNA (TORDON, 1996).

A infecção geralmente ocorre após uma mordida profunda por um animal infectado. Durante anos, o cão foi o maior representante de transmissão ao homem no Brasil (WADA et al., 2011). Após esforços dos países da América Latina para controlá-la por meio da vacinação em massa de cães e campanhas educacionais com envolvimento da comunidade, o cão deixou de ter um lugar de destaque na transmissão (VIGILATO et al., 2013).

Os casos confirmados de raiva em cães na América Latina diminuíram de, aproximadamente, 25.000 em 1980 para menos de 300 em 2010. As mortes por raiva humana transmitidas por cães diminuíram de 350 para menos de 10 durante o mesmo período após a instituição da vacinação em massa contra a raiva (VIGILATO et al., 2013). O Brasil passou de um cenário de mais de 1.200 cães positivos para raiva em 1999 para 09 cães positivos em 2018 devido as ações de vacinação (BRASIL, 2018)

Nos cães, a forma de apresentação mais comum é a forma furiosa, onde a fase prodrômica da doença dura em torno de 2 a 3 dias sendo possível observar sinais, como nervosismo e isolamento. Após esse período os animais ficam inquietos, irritáveis, exibindo respostas exacerbadas aos estímulos auditivos e visuais (GREENE, 2015). A infecção progride gerando incoordenação motora, paralisia, crises convulsivas, coma e morte (BRASIL, 2019). Se não morrerem durante uma convulsão, é possível que tenham um estágio paralítico curto, o qual progride para morte (GREENE, 2015).

O tratamento de suporte para animais com raiva não é recomendado, por não haver nenhum antiviral para tratar essa encefalite fatal e pelo fato de que o animal infectado é uma ameaça à saúde humana (GREENE, 2015).

2.4 Vacinação em cães domésticos

No grupo de vacinas essenciais para cães, ou seja, aquelas que protegem os animais de doenças graves, potencialmente fatais e que têm distribuição mundial, estão a vacinas contra CDV e CPV (DAY et al., 2016).

A recomendação da vacinação para essas doenças é que se inicie às 6-8 semanas de idade e, então, a cada 2-4 semanas até atingir as 16 semanas de idade ou mais. É importante ressaltar que a vacinação de filhotes deve terminar com uma última dose, administrada quando o animal completar 12 meses de idade. As revacinações subseqüentes com o animal já adulto devem ser administradas trienalmente, apesar de que muitos produtos vacinais são multicomponentes com vacinas não essenciais, e por isso, dependendo da necessidade do animal, necessitam de reforços anuais (DAY et al., 2016).

A vacinação em massa de animais susceptíveis constitui uma das principais medidas para o controle da raiva (VIGILATO et al., 2013). Nas áreas do mundo onde a infecção pelo vírus da raiva é endêmica, a vacinação contra este agente deve ser considerada essencial (DAY et al., 2016).

A vacina antirrábica deve ser iniciada às 16 semanas de idade (DAY et al., 2016) e a revacinação nos adultos deve ser feita anualmente no Brasil, conforme estabelecido pelo Programa Nacional de Profilaxia da Raiva (PNPR), criado em 1973 (BRASIL, 2018).

2.5 Educação em Saúde Animal

A educação é a forma mais eficiente de mudar hábitos, informar e transformar as pessoas em difusoras de conhecimento e em vigilantes ativos (LAGES, 2009). Ela gera a posse responsável dos cidadãos (REICHMANN et al., 2000) e é a base de qualquer programa de prevenção, controle e erradicação de doenças (LAGES, 2009).

Nas Filipinas, o assunto raiva foi inserido no currículo escolar nacional e as crianças recebem ensinamentos sobre interação com os animais, sobretudo com os cães. Com essa medida, observou-se uma queda de 50% dos casos de raiva humana (BURKI, 2008).

Em um estudo realizado em Guarulhos, foi demonstrado que a maioria da população entrevistada (n=113/164) não possuía conhecimento sobre informações relevantes como prevenção e transmissão da cinomose, doença grave e frequente na clínica de pequenos animais (BARROS; ALBUQUERQUE, 2019).

Em um outro estudo, realizado em São Paulo – SP, onde se avaliou o conhecimento de tutores de cães e gatos sobre zoonoses, a transmissão e a prevenção correta da raiva foram bastante mencionadas. Possivelmente, este fato esteja relacionado com a ampla divulgação da vacinação contra essa zoonose, tanto via meios de comunicação, como também pelas campanhas municipais de vacinação (NETO et al., 2018), demonstrando a importância da educação em saúde.

3 METODOLOGIA

3.1 Local de estudo e população

Durante o período de agosto de 2019 a janeiro de 2020, um total de 204 tutores de cães foram selecionados no Hospital Veterinário, da Faculdade de Medicina Veterinária (FAMEV) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Somente tutores adultos que nunca participaram de projetos de conscientização em saúde animal participaram da pesquisa. Profissionais e discentes de Medicina Veterinária foram vedados de participar do estudo. O estudo seguiu os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos. Foram fornecidos esclarecimentos sobre a pesquisa, e então foi obtida a anuência do participante através de um termo de consentimento (Apêndice A).

3.2 Aplicação do questionário

Os tutores foram abordados no ambiente hospitalar do HV-UFU enquanto aguardavam para serem atendidos. Em seguida, foi aplicado um questionário, elaborado através do GoogleFormulários®, visando delinear as características dos tutores e seus animais, assim como aspectos relacionados ao conhecimento acerca da vacinação (Apêndice B). As pesquisadoras utilizaram dos celulares pessoais para abrir o formulário e realizar as perguntas aos tutores.

3.3 Educação em saúde animal

A transferência de informações quanto à importância da vacinação foi realizada por meio de comunicação pessoal de estudantes em Medicina Veterinária com o auxílio visual de um panfleto educativo, elaborado também para contribuir com os tutores de gatos, os quais são alvos de um estudo semelhante conduzido concomitantemente (Apêndice C).

3.4 Análise estatística

Os dados dos questionários foram tabulados em software comercial (Excel[®], Microsoft Office 365). Estatística descritiva foi utilizada para apresentação dos dados obtidos.

4 RESULTADOS

Participaram da pesquisa 204 tutores de cães que frequentaram o HV-UFU, no período de agosto de 2019 a janeiro de 2020. Dentre os 204 tutores de cães, 64 (31,37%; $n=64/204$) tutores também eram tutores de gatos. A população entrevistada foi constituída em sua maioria por pessoas cujo membro mais alto da família possuía ensino superior completo (43,62%; $n=89/204$) e médio completo (29,41%; $n=60/204$), como apresentado na Figura 1.

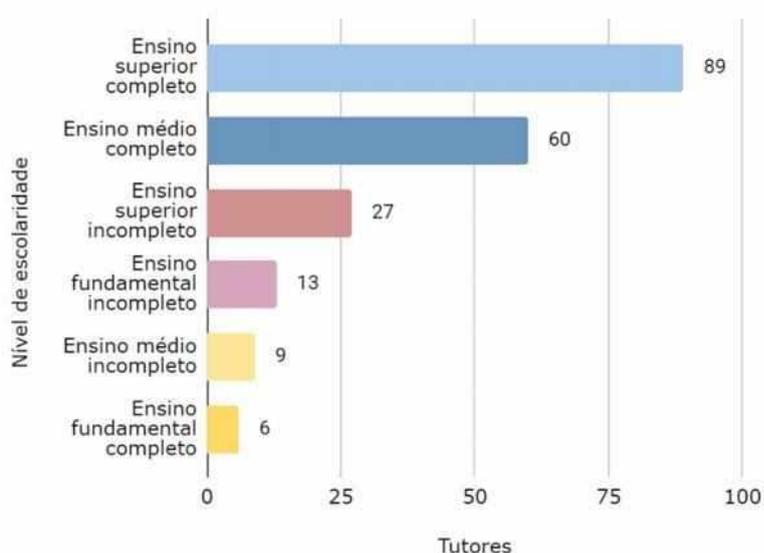


Figura 1. Distribuição em número absoluto com relação ao maior nível de escolaridade de pelo menos um dos membros da família dos tutores de cães ($n=204$) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.

Quando analisada a quantidade de pessoas que residem no mesmo domicílio que o tutor, observou-se que as famílias eram compostas principalmente de duas a quatro pessoas (Figura 2).

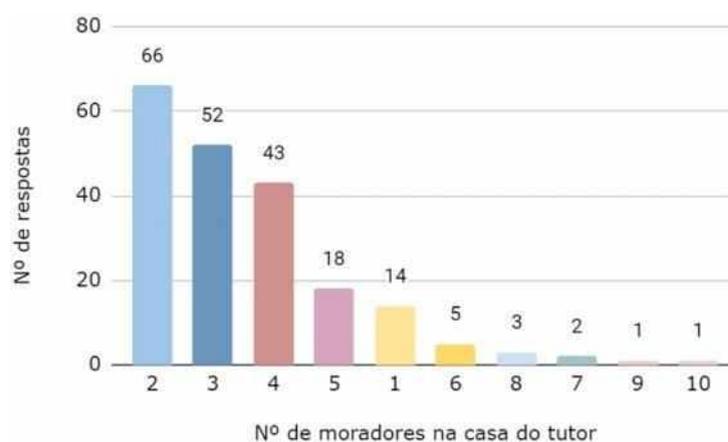


Figura 2. Distribuição em número absoluto com relação a quantidade de pessoas que dividem a mesma casa que os tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.

Com relação ao número de pessoas na residência que trabalhavam, incluindo o tutor, observou-se que 41,17% (n=84/204) dos lares possuíam duas pessoas em atividades remuneradas e em 9,80% (n=20/204) dos domicílios, nenhum membro da família trabalhava (Figura 3).

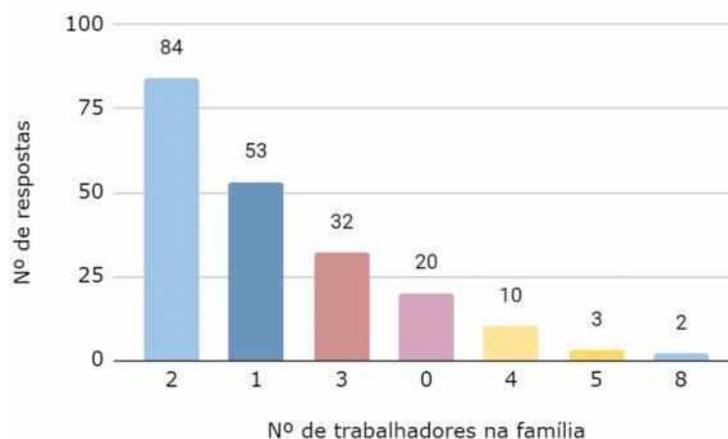


Figura 3. Distribuição em número absoluto com relação a quantidade de pessoas que exercem atividade remunerada na residência dos tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.

Os bairros de residência dos entrevistados foram classificados em zonas da cidade de Uberlândia – MG, a zona Oeste foi a mais frequente (Figura 4). Tutores residentes em outras cidades também foram entrevistados, 2,45% (n=5/204) residiam em Araguari – MG; 0,98% (n=2/204) em Patrocínio – MG; 0,49% (n=1/204) Araporã - MG e 0,49% (n=1/204) em Indianópolis - MG.

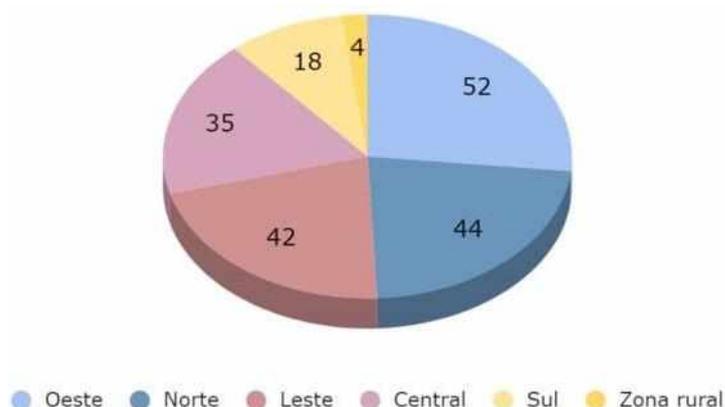


Figura 4. Distribuição em número absoluto nos diferentes setores da cidade de Uberlândia com relação a localização das residências dos tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.

Com relação ao acesso à Internet (Figura 5), apenas 5,88% (n=12/204) declararam não ter acesso.



Figura 5. Distribuição em número absoluto dos tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia com relação ao acesso à Internet.

Referente à quantidade de cães por residência (Figura 6), um total de 58,82% (n=120/204) possuíam de um a dois cães, com uma média de 3,1 cães/residência. Ainda, 6,86% (n=14/204) tutores responderam possuir 10 ou mais animais.

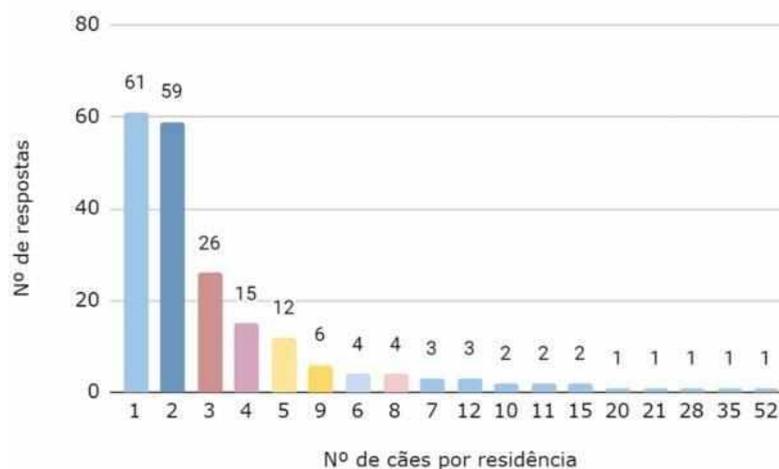


Figura 6. Distribuição em número absoluto com relação a quantidade de cães por residência dos tutores (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.

O acesso do cão à rua foi predominante (66,17%; n=135/204) nas respostas dos tutores entrevistados (Figura 7).

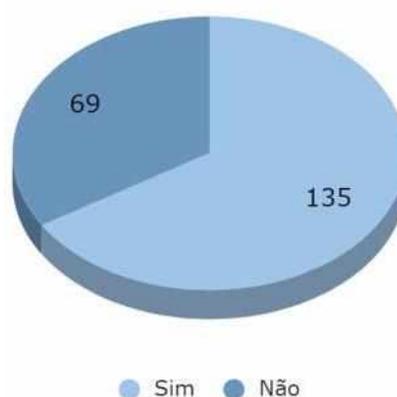


Figura 7. Distribuição em número absoluto do número de tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia que responderam que seus animais possuem acesso à rua.

Com relação à castração (Figura 8), foi possível detectar que 30,88% (n=63/204) tutores castraram todos seus animais.

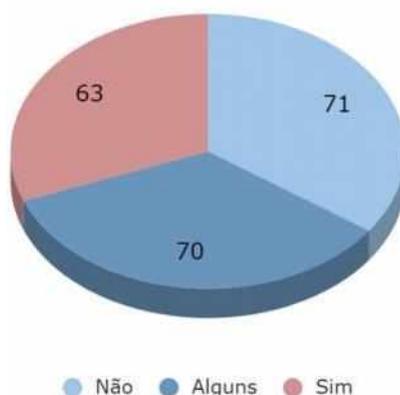


Figura 8. Distribuição em número absoluto das respostas dos tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia com relação à castração dos seus cães.

No que tange à vacinação (Figura 9), dentre os tutores que vacinaram seus cães nos últimos 12 meses (85,29%; 174/204), a maior parte dos tutores declarou que forneceu vacina antirrábica (35,63%; 62/174) ou a vacina antirrábica juntamente com a polivalente (51,72%; 90/174). Apenas três tutores declararam vacinar seus animais contra *Leishmania* spp. e um tutor contra *Giardia* spp., como essas vacinas não foram o foco desse estudo, essas respostas não foram computadas.

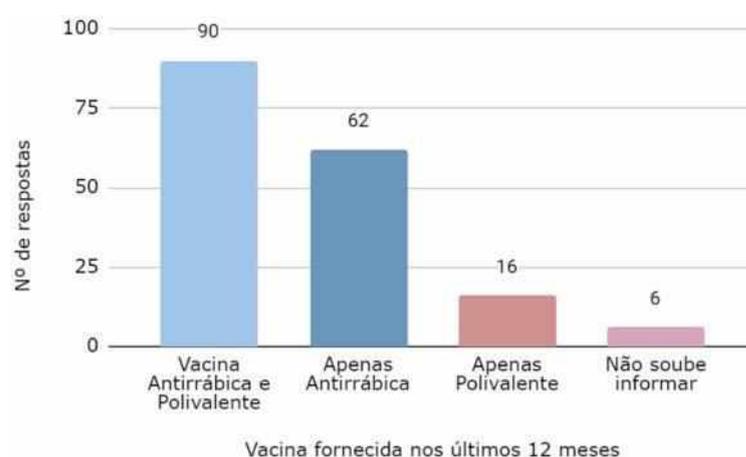


Figura 09. Distribuição em número absoluto com relação as vacinas fornecidas nos últimos 12 meses pelos tutores de cães (n=174) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.

Dentre os tutores que levaram seus cães para serem vacinados no último ano, 28,16% (n=49/174) responderam que vacinam em casa agropecuária (Figura 10).

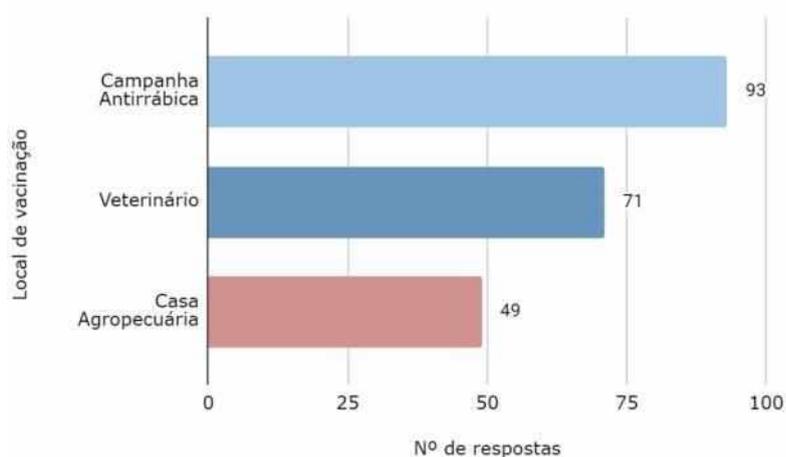


Figura 10. Distribuição em número absoluto com relação aos locais em que os tutores de cães que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia vacinaram seus cães nos últimos 12 meses (n=174).

Com relação aqueles que não vacinaram seus cães (14,70%; n=30/204) nos últimos 12 meses, 20% (n=6/30) afirmaram não vacinar porque não teve campanha, e 16,66% (n=5/30) por motivos financeiros. Outras justificativas foram dadas para a não vacinação e incluem o animal ser idoso, displicência, mora longe da cidade, vai ser submetido a cirurgia, falta de tempo, adquiriu o animal recentemente e esquecimento, dentre outras respostas não detalhadas, que constam apenas como “não pude levar”.

Quando abordados sobre o acompanhamento dos cães por um médico veterinário no último ano (Figura 11), 24% (n=49/204) alegaram não ter ido ao veterinário no último ano, desses, 48,97% (n=24/49) justificaram isto pelo fato de que o animal não adoeceu e também houve respostas como por motivos financeiros e animais recém adquiridos.



Figura 11. Distribuição em número absoluto com relação a quantidade de vezes que os tutores (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia foram ao veterinário nos últimos 12 meses.

Dentre os tutores de cães que foram ao veterinário no último ano (n=155), a resposta que mais se destacou foi de não terem recebido qualquer informação sobre a importância da vacinação (50,96%; n=79/155) e apenas 14,83% (n=23/155) informaram ter recebido várias vezes esta informação (Figura 12). Quando se avaliou o conhecimento dos tutores acerca das vacinas essenciais para os cães, 75% (n=153/204) afirmaram conhecer a vacina antirrábica e polivalente, 24% (n=49/204) afirmaram conhecer somente a vacina antirrábica e 9% (n=2/204) somente a polivalente.



Figura 12. Distribuição em número absoluto dos tutores de cães (n=155) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, que foram à consulta veterinária no último ano, com relação a ter recebido informações sobre vacinação para seus cães.

Ao serem questionados sobre quais são as suas maiores fontes de informação de cuidados com seus animais (Figura 13), verificou-se que 54,90% (n=112/204) dos tutores responderam ser o veterinário e 69,11% (n=141/204) responderam ser outras fontes de informações que não o veterinário, sendo a Internet a mais frequente (45,09%; n=92/204).

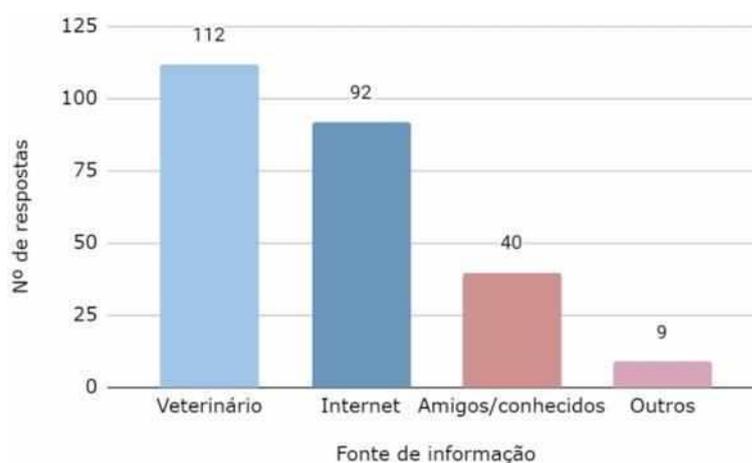


Figura 13. Distribuição em número absoluto com relação a maior fonte de informação utilizada pelos tutores de cães (n=204) que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, para cuidar de seus cães.

Por fim, após a explicação acerca da importância da vacinação, dentre os tutores que vacinaram somente com uma vacina ou que não vacinaram, 92,10% (n=105/114) declararam que pretendiam atualizar a vacinação dos seus cães (Figura 14).



Figura 14. Distribuição em número absoluto dos tutores de cães que não vacinaram corretamente ou que nunca vacinaram (n=114) seus cães e que frequentaram o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, com relação à

pretensão da atualização do cartão vacinal do animal conforme à necessidade, após a transferência de informações.

5 DISCUSSÃO

O conhecimento do perfil socioepidemiológico dos tutores, assim como suas práticas na criação dos cães é essencial para um delineamento mais acurado de ações educacionais que impactem diretamente na disseminação da vacinação como uma prática fundamental para a saúde dessa espécie.

De acordo com os resultados obtidos, notou-se que 29,41% (n=60/204) dos tutores entrevistados possuíam alguém na família com ensino médio completo, o que se assemelha a dados brasileiros em que 27,4% da população possui ensino médio completo (IBGE, 2016). Contudo, observou-se um contraste com relação a população com ensino superior completo, onde 43,62% (n=89/204) possuíam ensino superior completo, enquanto que os dados brasileiros apontam que somente 17,4% da população possui (IBGE, 2016). De acordo com os resultados obtidos, notou-se que o nível de escolaridade dos membros da família dos tutores entrevistados foi também divergente da pesquisa no Hospital Veterinário da Universidade Brasil, que encontrou 12% (n=12/100) dos tutores com ensino superior (NETO et al., 2018). Essa discrepância pode estar relacionada à informação levantada, enquanto no presente estudo a pergunta tinha por objetivo identificar o membro da residência do tutor com maior nível escolar, no estudo conduzido por Neto, o nível de escolaridade avaliado foi relativo ao tutor entrevistado. A presença de pessoas com níveis de escolaridade mais elevados nas famílias que possuem cães pode facilitar uma maior compreensão das ações necessárias para que os cuidados de saúde com essas espécies sejam realizados da melhor forma possível.

As residências com dois (32,35%; n=66/204), três (25,49%; n=52/204) ou quatro (21,07%; n=43/204) moradores foram as mais frequentes. Há semelhança nos dados descritos no censo de 2010 do município de Uberlândia, dentre 179.033 famílias, 33,4% (n=59.801/179.033) continham duas pessoas, 30,54% (n=54.680/179.033) três pessoas, e 24,71% (n=44.255/179.033) quatro pessoas (IBGE, 2010). Aliado a isto, está a constatação de que a maioria das residências dos tutores avaliados, foi composta por uma ou duas pessoas que desempenhavam atividades remuneradas, com 25,98% (n=53/204) e 41,17% (n=84/204), respectivamente. Nas famílias em que uma pessoa trabalhava, 64,15% (n=34/53) forneceram a vacina polivalente e nas que duas pessoas trabalhavam 46,42% (n=39/84) forneceram a vacina polivalente.

Dentre a população mineira economicamente ativa no terceiro trimestre de 2019 havia, aproximadamente, 9,9% de desempregados (IMB, 2019) corroborando com os dados do presente estudo, em que 9,80% (n=20/204) dos lares não possuíam nenhum membro da família em atividade remunerada, desses 25% (n=5/20) dos entrevistados forneceram a vacina polivalente aos seus cães. Uma menor prática da vacinação de cães com produtos polivalentes em famílias onde todos os membros estavam desempregados foi observada, o que possivelmente está associado às condições financeiras. Contudo, mesmo nas famílias onde há dois membros trabalhando, 53,58% (n=45/84) dos tutores possuíam cães que não foram vacinados com produto polivalente no último ano. O que indica que possivelmente não só o fator financeiro seja determinante na decisão de um tutor em administrar vacina polivalente para seus cães.

Relativo as zonas de Uberlândia em que os tutores de cães residiam, a zona Oeste foi a mais frequente na pesquisa, correspondendo a 25,49% (n=52/204), seguida da zona Norte (21,56%; n=44/204) e são nesses setores que se encontram os bairros mais pobres da cidade (SILVA, 2014). Outra região que se destacou foi a zona Leste, com 20,58% (n=42/204) de respostas dos tutores e é nessa zona em que se encontra o HV-UFU. A zona Sul foi a região com a menor representatividade (8%; n=18/204) na pesquisa e é onde se localiza os bairros mais ricos da cidade (SILVA, 2014).

Com relação ao acesso à Internet, apenas 5,88% (n=12/204) declararam não possuir acesso, contrastando com um levantamento conduzido pelo IBGE, onde foi identificado que 30,9% dos brasileiros não possuíam acesso (IBGE EDUCA, 2018). Esse fato mostra a disponibilidade de acesso à informação via Internet na maioria dos lares que possuem animais, evidenciando que as informações sobre cuidados com animais constantes nesse meio podem influenciar o modo de criação dos cães.

Foi encontrada uma média de 3,1 cães/domicílio. Essa relação cão/domicílio diferiu da pesquisa realizada com tutores de cães no Hospital Veterinário da Universidade Brasil, Campus Fernandópolis - SP, que encontrou uma relação de 2 cães/domicílio (NETO et al., 2018). Em um estudo realizado na Itália, 91,47% (n=118/129) dos tutores entrevistados possuíam no máximo dois cães (SLATER et al., 2008), enquanto no presente estudo um total de 58,82% (n=120/204) possuíam de um a dois cães. No estudo italiano, o máximo de cães da convivência do tutor foi de 6, representando 0,7% (n=1/129) da população avaliada (SLATER et al., 2008),

enquanto na atual pesquisa, 15,19% (n=31/204) dos tutores responderam possuir 6 ou mais cães. Uma quantidade maior de animais por tutor ou por domicílio se traduz em menor possibilidade de fornecimento de cuidados de saúde para os animais devido aos custos associados com a manutenção de cada animal.

No presente estudo, 66,17% (n=135/204) dos tutores de cães responderam que permitem aos seus animais o acesso à rua, isso inclui o acesso com e sem a guia. Cabe ressaltar que neste estudo avaliou o número de respostas fornecidas pelos tutores e não o número de cães, o que resultaria em uma frequência ainda maior de animais. Esse dado é equivalente ao encontrado em um estudo conduzido em São Paulo - SP, onde 64,4% (n=1.614.766/2.507.401) dos cães tinham acesso à rua (CANATTO et al., 2012). Ao analisar os níveis de anticorpos para CDV em cães não vacinados, foi observada uma tendência a maiores níveis de anticorpos naqueles com acesso à rua (68%; n=26/38) em comparação com animais mantidos dentro dos domicílios (44,7%; n=17/38) (HASS et al., 2008), evidenciando que os animais com acesso possuem maior exposição aos patógenos, dessa forma, a maioria dos cães desse estudo encontram-se em situação de risco.

Com relação à castração, foi possível detectar que 30,88% (n=63/204) dos entrevistados castraram todos os seus cães, o que foi superior ao encontrado em uma pesquisa em Jaboticabal – SP, na qual observou-se que 20,76% (n=92/443) dos cães eram castrados (LAGES, 2009) e outra pesquisa realizada na Itália Central onde apenas 16% dos cães (n=29/181) foram esterilizados (SLATER et al., 2008). A castração reduz consideravelmente o comportamento de fuga de cães machos (SPAIN, 2004), o que implicaria em diminuir as chances desses animais em ter maior acesso à rua e adquirir alguma doença infecciosa. O maior percentual de animais castrados aqui encontrado pode estar relacionado com a população de tutores avaliada, já que as entrevistas foram conduzidas em ambiente hospitalar. Adicionalmente, o HV-UFU possui uma campanha de castração que atende um elevado número de animais por ano.

Neste estudo, 85,29% (n=174/204) dos tutores vacinaram seus cães nos últimos 12 meses; 35,63% (n=62/174) somente com a vacina antirrábica, 51,72% (n=90/174) com a vacina antirrábica e polivalente. Desta forma, um total de 87,35% (n=152/174) dos entrevistados responderam que seus cães eram vacinados contra a raiva. Essa taxa é próxima a encontrada em um estudo no Espírito Santo, no qual 81% (n=279/344) dos entrevistados responderam que seus cães eram vacinados

contra a raiva (SUHNET et al., 2013). Foi observada uma boa cobertura vacinal também em estudos conduzidos em Minas Gerais (SILVA et al., 2010) e na Bolívia (SUZUKI et al., 2008), com 89,20% (n=603/676) e 85,15% (n=459/539) dos cães vacinados contra a doença, respectivamente. Uma cobertura vacinal de no mínimo 70% é necessária para que ocorra controle ou eliminação do vírus rábico na população canina (WHO, 2013).

Acredita-se que a raiva por ser uma zoonose bastante divulgada pelos meios de comunicação e também durante a campanha de vacinação de cães e gatos, os tutores, assim como a população em geral, possuem um maior grau de conhecimento sobre a mesma. Em um projeto desenvolvido no Hospital Veterinário, Universidade Brasil, Fernandópolis - SP, 88% (n=88/100) dos tutores de cães e gatos entrevistados, relataram os modos de prevenção corretos dessa doença (NETO et al., 2018).

Em Uberlândia, durante a campanha municipal de vacinação antirrábica, no ano de 2020, foram vacinados 54.134 cães, com uma cobertura vacinal de 57,36% (n=54.134/94.378) dos cães (CCZ, 2020) que foi muito semelhante a encontrada no presente estudo, em que 53,44% (n=93/174) dos tutores de cães entrevistados relataram levar seus cães na campanha de vacinação, mostrando que esta pode influenciar positivamente no controle da doença.

No que concerne a vacinação com produtos polivalentes, 60,91% (n=106/174) dos tutores responderam ter fornecido aos seus animais, essa percentagem foi inferior a encontrada em um estudo no Espírito Santo (71,35%; n=132/185) (SUHNET et al., 2013). Uma cobertura vacinal de 70-75% contra CPV (DECARO et al., 2020) e de 95% contra CDV (RIKULA et al., 2007) é o mínimo necessário para proteger a população canina. Considerando a quantidade de tutores que afirmaram vacinar seus animais com produtos polivalentes, observou-se que a população canina de Uberlândia não possui cobertura vacinal mínima contra CDV e CPV.

Com relação ao local em que os tutores levam seus cães para receber a vacina, notou-se que 28,16% (n=49/174) têm o costume de levar em Casas Agropecuárias. De acordo com a Resolução n. 844 de 20 de setembro de 2006, do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), apenas os médicos veterinários são aptos a atestar e realizar a vacinação de animais (CFMV, 2006). Cães que foram vacinados contra CPV em clínicas veterinárias apresentaram melhores títulos de anticorpos do que aqueles vacinados em lojas de produtos agropecuários

(PEREIRA, 2005). Com relação à vacinação contra CDV, cães que foram vacinados em lojas de produtos agropecuários e que possivelmente não contam com a orientação de um médico veterinário, apresentaram uma menor imunidade contra CDV, quando comparados aos cães vacinados em clínicas veterinárias (MONTI et al., 2007). A prática de vacinação em agropecuárias aliada a baixa cobertura vacinal evidencia a fragilidade da população canina pertencente aos tutores avaliados neste estudo.

No que se refere ao acompanhamento dos animais pelo médico veterinário, a maioria (60,29%; n=123/204) dos tutores relataram terem levado seus animais ao veterinário de 1-5 vezes nos últimos 12 meses. Em um estudo realizado em Pelotas – RS, 36,43% (n=796/2185) dos animais foram a uma consulta veterinária nos últimos 12 meses (DOMINGUES et al., 2015). Uma maior adesão às visitas ao médico veterinário observada nesse estudo, possivelmente tem o viés de que as entrevistas foram realizadas em ambiente hospitalar, o que facilitou a seleção de tutores que já possuem o hábito de levar seus animais ao médico veterinário e/ou que estavam ali para consultas de retorno.

A segunda resposta mais prevalente sobre o acompanhamento ao veterinário, foi que 24% (n=49/204) dos tutores alegaram que seus animais não foram ao veterinário no último ano, desses 48,97% (n=24/49) declarou não ter levado pois o animal não adoeceu. O mesmo comportamento foi observado em um estudo no Piauí, onde 49,12% (n=28/57) dos tutores declararam levar seus animais ao veterinário somente quando os mesmos adoecem (CARDOSO et al., 2016). A ausência de hábito dos tutores em levar seus cães para consultas veterinárias de rotina favorece um manejo sanitário inadequado aos animais. Isso é evidenciado em um trabalho conduzido em Pernambuco, em que 75% (n=78/104) dos cães nunca haviam sido submetidos à uma consulta veterinária e, destes, 94,87% (n=74/78) foram positivos para anticorpos contra CDV, sendo que nenhum deles foram vacinados (LUCIO et al., 2014).

Dentre os tutores que afirmaram terem levado seus cães ao veterinário no último ano (n=155), 50,96% (n=79/155) declararam não terem recebido informações sobre a importância da vacinação. Os clínicos veterinários precisam reforçar suas recomendações sobre métodos preventivos de doenças infecciosas com a finalidade de aumentar a prática de vacinação e conseqüentemente a cobertura vacinal dos animais. Nas novas recomendações sobre vacinação na América Latina da WSAVA

(World Small Animal Veterinary Association), foi evidenciada uma necessidade de passar a vender um programa de saúde preventivo, baseado em aconselhamento profissional, para reeducar os clientes e atraí-los de volta para a clínica veterinária, que já estão bem incorporados nos mercados veterinários mais desenvolvidos (DAY et al., 2020).

Apesar da baixa porcentagem de tutores que receberam informações sobre vacinação pelo médico veterinário durante as consultas veterinárias, uma boa parcela tinha conhecimento das vacinas essenciais polivalente e antirrábica (75%; n=153/204), conhecimento este que, possivelmente, seja proveniente de outras fontes, já que 69,11% (n=141/204) responderam utilizar outras fontes de informações que não o veterinário para se informar sobre os cuidados com seus animais, sendo a Internet a mais citada (45,09%; 92/204). A facilidade que a Internet traz, fez dela um instrumento de grande divulgação e inúmeras buscas relacionadas com a área da saúde (MORETTI et al., 2012), contudo, é preocupante que os usuários que utilizam dessa ferramenta possam estar expostos a um grande número de informações inconsistentes (LOPES, 2002). Desta forma, a certificação de sites de saúde é considerada uma boa estratégia pelos especialistas em comunicação (MORETTI et al., 2012). As universidades e os médicos veterinários devem utilizar a Internet como um aliado na difusão de cuidados para os animais, atingindo dessa forma, um número maior de tutores com informações provenientes de fontes confiáveis.

Entre os tutores que vacinaram somente com uma vacina ou que não vacinaram nos últimos 12 meses, 92% (n=105/114) pretendem atualizar o cartão vacinal dos seus animais. Um total de 204 tutores de cães recebeu informações sobre a importância da vacinação contra doenças virais, essas pessoas podem influenciar mais três outras pessoas, portanto, as ações educacionais desse estudo puderam atingir em torno de 612 pessoas. Assim, espera-se que as ações em educação em saúde desenvolvidas por este estudo tenham um impacto positivo na saúde da população canina da cidade de Uberlândia – MG.

6 CONCLUSÃO

Os tutores de cães entrevistados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia residiam em sua maioria em zonas da cidade de Uberlândia onde se encontram os bairros mais pobres da cidade, apesar de uma grande parcela possuir ensino superior completo, acesso à informação por meio da Internet e a maioria dos lares ser composta por uma ou duas pessoas em atividades remuneradas.

Os cães pertencentes aos tutores entrevistados estavam em uma situação de fragilidade quanto às doenças infecciosas devido à pouca quantidade de animais castrados e a alta taxa de cães com acesso à rua, além de uma cobertura vacinal insuficiente com as vacinas polivalentes.

Apesar de uma grande parte dos tutores ter declarado o conhecimento sobre a existência da vacina polivalente para cães, foi observado que a prática de vacinação com esse tipo de produto biológico foi baixa. Uma maior conscientização dos tutores de cães quanto à importância da vacinação por meio de médicos veterinários é necessária, visto que muitos declararam não terem sido orientados quanto à esta prática por esses profissionais.

As ações educativas sobre a importância da vacinação realizadas foram positivas já que muitos tutores mostraram-se interessados em atualizar o cartão de vacina de seus animais.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO. **IBGE**: população de animais de estimação do Brasil: 2013: em milhões. São Paulo: ABINPET, 2017. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-tematicas/insumos-agropecuarios/anos-anteriores/ibge-populacao-de-animais-de-estimacao-no-brasil-2013-abinpet-79.pdf/view>. Acesso em: 3 nov. 2019.
- BARROS, A. A.; ALBUQUERQUE, K. D. Cinomose Canina: conhecimento populacional do município de Guarulhos. **Revista Saúde**, Guarulhos, v. 13, n. 2, p. 70, 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Guia de vigilância epidemiológica**: capítulo 10: raiva. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Raiva**: o que é, causas, sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/raiva>. Acesso em: 3 nov. 2019.
- BURKI, T. The global fight against rabies. **The Lancet**, London, v. 372, n. 9644, p. 1135-1136, 2008.
- CANATTO B. D.; SILVA E. A.; BERNARDI F.; MENDES M. C. N. C.; PARANHOS N. T.; DIAS R. A. Caracterização demográfica das populações de cães e gatos supervisionados do município de São Paulo. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Belo Horizonte, v. 64, n. 6, p.1515-1523, 2012.
- CARDOSO, D. P.; OLIVEIRA, R. P.; ESTRELA, D. S.; SARAIVA, L. A.; FARIAS M. P. O.; SILVA P. O. Perfil dos tutores de cão e gato no município de Bom Jesus - PI. **PUBVET**, Maringá, v. 10, n. 8, p. 580-586, 2016.
- CASTRO, T. X.; MIRANDA, S. C.; LABARTHE, N. V.; SILVA, L. E.; GARCIA, R. C. N. Clinical and epidemiological aspects of canine parvovirus (CPV) enteritis in the State of Rio de Janeiro: 1995 - 2004. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Belo Horizonte, v. 59, n. 2, p. 333-339, 2007.
- CATROXO, M. H. B. Cinomose canina. **Biológico**, São Paulo, v. 65, n. 1/2, p. 1-2, 2003.
- Censo Demográfico: Cidades e estados – Uberlândia – MG. **IBGE**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/pesquisa/23/24161?detalhes=true>. Acesso em: 15 nov. 2020.

CENTRO DE CONTROLE DE ZONOSE - UBERLÂNDIA - MG. 36ª Campanha de vacinação antirrábica animal 2020. **Controle da Raiva Animal**, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. **Resolução nº 844, de 20 de setembro de 2006**, [s. l.], n. 188, s. 1, p. 198, 2006.

COSTA, V. G.; SAIVISH, M. V.; RODRIGUES, R. L.; SILVA R. F.; MORELI, M.L.; KRUGER, R.H. Molecular and serological surveys of canine distemper virus: a meta-analysis of cross-sectional studies. **PLoS One**, [s. l.], v. 14, n. 5, p. 1-19, 2019.

DAY, M. J.; CRAWFORD C.; MARCONDES M.; SQUIRES R. A. Recomendações sobre a vacinação para médicos veterinários de pequenos animais da América Latina: um relatório do Grupo de Diretrizes de Vacinação da WSAVA. **Journal of Small Animal Practice**, [s. l.], v. 61, 2020.

DAY, M. J.; HORZINEK, M. C.; SCHULTZ, R. D.; SQUIRES, R. A. Guidelines for the vaccination of dogs and cats: compiled by the vaccination guidelines group (VGG) of the World Small Animal Veterinary Association (WSAVA). **Journal of Small Animal Practice**, [s. l.], v. 57, 2016.

DECARO, N.; BUONAVOGLIA, C.; BARRS, V. R. Canine parvovirus vaccination and immunisation failures: Are we far from disease eradication? **Veterinary Microbiology**, Amsterdam, v. 247, p. 1-8, 2020.

DEZENGRINI, R.; WEIBLEN, R.; FLORES, E.F. Seroprevalence of parvovirus, adenovirus, coronavirus and canine distemper virus infections in dogs of Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 183-189, 2007.

DOMINGUES L. R.; CESAR J. A.; FASSA. A. G.; DOMINGUES M. R. Guarda responsável de animais de estimação na área urbana do município de Pelotas, RS, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1., p. 185-192, 2015.

FAUQUET, C.; MAYO, M. A.; MANILOFF, J.; DESSELBERGER, U.; BALL, L. A. **Virus taxonomy**. 1. ed. San Diego: Elsevier/Academic Press, 2005.

GRANADOS, O. F. O. **Determinação dos agentes etiológicos virais de diarreia em cães no Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GREENE, C. E. Raiva e outras infecções por *Lyssavirus*. In: GREENE, C. E. (org.). **Doenças infecciosas em cães e gatos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

GREENE, C. E.; DECARO, N. Enterite viral canina. In: GREENE, C. E. (org.). **Doenças infecciosas em cães e gatos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

GREENE, C. E.; VANDEVELDE, M. Cinomose. *In*: GREENE, C. E. (org.). **Doenças infecciosas em cães e gatos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

GROWTH FROM KNOWLEDGE (GfK). **Animais de estimação**. 2016. Disponível em: https://cdn2.hubspot.net/hubfs/2405078/cmspdfs/fileadmin/user_upload/dyna_content/br/documents/reports/global-gfk-survey_pet-ownership_2016_por_v2.pdf. Acesso em: 03 out. 2020.

HASS, R.; JOHANN J. M.; CAETANO C. F.; FISCHER G.; VARGAS G. D.; VIDOR, T.; HUBNER S. O. Níveis de anticorpos contra o vírus da cinomose canina e o parvovírus canino em cães não vacinados e vacinados. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Belo Horizonte, v. 60, n. 1, p. 270-274, 2008.

HEADLEY, S. A.; GRAÇA, D. L. Canine distemper: epidemiological findings of 250 cases. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 136-140, 2000.

IMB - Instituto Mauro Borges de estatísticas e estudos socioeconômicos. **Pesquisa Nacional por amostras de domicílio contínua trimestral – mercado de trabalho**. 2020. Disponível em: <https://www.imb.go.gov.br/files/docs/releases/pnad-continua-trabalho/2019/pnad-continua-trabalho-terceiro-trimestre-2019.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

IPNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam no máximo o ensino fundamental completo. **IBGE**. 2016. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-no-maximo-o-ensino-fundamental-completo#:~:text=No%20pa%C3%ADs%2C%2011%2C%25,%2C3%25%20o%20superior%20completo>. Acesso em: 20 nov. 2020.

KOUTINAS A. F.; BAUMGARTNER W.; TONTIS D., POLIZOPOULOU Z.; SARIDIMICHELAKIS M. N.; LEKKAS S. Histopathology and immunohistochemistry of canine distemper virus-induced footpad hyperkeratosis (Hard pad disease) in dogs with natural canine distemper. **Veterinary Pathology**, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 1-9, 2009.

LAGES, S. L. S. **Avaliação da população de cães e gatos com proprietário, e do nível de conhecimento sobre a raiva e posse responsável em duas áreas contrastantes da cidade de Jaboticabal, São Paulo**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Medicina Veterinária Preventiva da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, 2009.

LAPPIN, M. R. Enfermidades Polissistêmicas Virais. *In*: NELSON, R. W.; COUTO, C. G. (org.). **Medicina interna de pequenos animais**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

LOPES, I. L. Uso das linguagens controlada e natural em bases de dados: revisão de literatura. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 41-52, 2002.

LUCIO, E. C.; PIMENTEL, J. L.; CLEMENTE, S. M. S.; MACHADO, A. C.; OLIVEIRA, J. M. B.; DANIEL, F. B.; JUNIOR, J. L. S.; JUNIOR, J. W. Análise epidemiológica da infecção pelo vírus da cinomose, em cães do município de Garanhuns, Pernambuco, Brasil. **Semina: Ciências Agrárias**, Londrina, v. 35, n. 3, p. 1323-1329, 2014.

MARTELLA, V.; CAVALLI, A.; PRATELLI, A.; BOZZO, G.; CARNERO, M.; BUONAYOGLIA, D.; NARCISI, D.; TEMPESTA, M.; BUONAYOGLIA, C. A canine parvovirus mutant is spreading in Italy. **Journal of Clinical Microbiology**, Washington, v. 42, n. 3, p. 1333-1336, 2004.

MENEZES, D. C. M.; QUESSADA, A. M.; GUIMARÃES, A. L. S.; ALMEIDA, C. S. Eutanásia em pequenos animais em Teresina – PI. **Semina: Ciências Agrárias**, Londrina, v. 26, n. 4, p. 575-579, 2005.

MONTI, F. S.; VIANA J. A.; BEVILACQUA, P. D.; MORAES, M. P.; SALCEDO J. H. P. Anticorpos contra o vírus da cinomose em cães vacinados em diferentes estabelecimentos da área urbana do município de Viçosa, Minas Gerais. **Revista Ceres**, Viçosa, v. 54, n. 311, p. 14-19, 2007.

MORETTI, F. A.; OLIVEIRA, V. E.; SILVA, E. M. K. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? **Revista de Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 58, n. 6, p. 650-658, 2012.

NAKAMURA, M.; TOHYA, Y.; MIYAZAWA, T. A novel antigenic variant of canine parvovirus from a vietnamese dog. **Archives of Virology**, v. 149, n. 11, p. 2261-2269, 2004.

NETO, R. R. O.; SOUZA, V. F.; CARVALHO, P. F. G.; FRIAS, D. F. R. Nível de conhecimento de tutores de cães e gatos sobre zoonoses. **Revista de Salud Publica**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 198-203, 2018.

PEDRASSANI, D.; KARVAT, D. C. Conhecimento sobre bem-estar e guarda responsável de cães e gatos domiciliados e semi-domiciliados. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 55-63, 2017.

PEREIRA, L. P. **Título de anticorpos contra o vírus da parvovirose em cães vacinados na área urbana em estabelecimentos do município de Viçosa/MG**. 47f. 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2005.

PINTO L. D., STRECK A. F., GONÇALVES K. R.; SOUZA, C. K.; CORBELLINI, A. O., CORBELLINI, L. G.; CANAL, C. W. Typing of canine parvovirus strains circulating in Brazil between 2008 and 2010. **Virus Research**, [s. l.], v. 165, n. 1, p. 29-33, 2012.

PRITTIE, J. Canine Parvoviral enteritis: a review of diagnosis, management, and prevention. **Journal of Veterinary Emergency and Critical Care**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 167-176, 2004.

REGENMORTEL M. H. V.; FAUQUET C. M.; BISHOP D.H.L.; CARTENS E. B.; ESTES, M. K.; LEMON S. M.; MANILOFF, J.; MAYO M. A.; MCGEOCH D. J.; PRINGLE C. R.; WICKNER R. B. **Virus taxonomy: The classification and nomenclature of viruses. Seventh report of the International Committee on Taxonomy of Viruses.** 1. ed. San Diego: Academic Press, 2000.

REICHMANN, M. L. A. B.; PINTO, H. B. F.; ARANTES, M. B.; DOS SANTOS, M. B.; VIARO, O.; NUNES, V. F. P. Educação e promoção da saúde no programa de controle da raiva. **Instituto Pasteur**, São Paulo, n. 5, p 30, 2000.

REZENDE R. S.; COELHO, H. E.; KAMIMURA, R.; SEVERINO, R. S.; OLIVEIRA, P. C. L; MEDEIROS, A. A.; MAGALHÃES, A. O. C. Análise microscópica do miocárdio ventricular esquerdo em cães soropositivos para cinomose. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 117-119, 2009.

RIKULA U.; NUOTIO L.; SIHVONEN L. Vaccine coverage, herd immunity and occurrence of canine distemper from 1990–1996 in Finland. **Vaccine**, Kidlington, v. 25, p. 7994-7998, 2007.

SELLON, R. K.; CRAWFORD, C. P. Canine Viral Diseases. *In*: ETTINGER S.J.; FELDMAN E.C. **Textbook of veterinary internal medicine.** 7 ed. St. Louis: Elsevier Saunders, 2010.

SILVA, J. P. G. **As políticas públicas de planejamento e o desenvolvimento urbano de Uberlândia (MG).** 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SILVA, M. H. S.; SILVA, J. A.; MAGALHÃES, D. F.; SILVA, M. X.; MENESES, J. N. C.; MOREIRA, E. C. Caracterização demográfica e epidemiológica de cães e gatos domiciliados em Barbacena, MG. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Belo Horizonte, v. 62, n. 4, p. 1002-1006, 2010.

SLATER M. R.; NARDO A. D.; PEDICONI O.; VILLA P. D.; CANDELORO L.; ALESSANDRINI B.; PAPA S.D. Cat and dog ownership and management patterns in central Italy. **Preventive Veterinary Medicine**, Amsterdam, v. 85, n. 3-4, p. 267-294, 2008.

SPAIN, C. V.; SCARLETT J. M.; HOUP T. K. A. Long-term risks and benefits of early-age gonadectomy in dogs. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, Schaumburg, v. 224, n. 3, p. 380-387, 2004.

STROTTMANN, D. M.; SCORTEGAGNA, G.; KREUTZ, L. C.; BARCELLOS, L. J. G.; FRANDALOSO, R.; ANZILIERO, D. Diagnosis and serological study of canine parvovirus infection on dogs from Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brazil. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 38, n. 2, p. 400-405, 2008.

SUHETT, W. G.; JUNIOR, A. F. M.; GUBERMAN, U. C.; APTEKMANN, K. P. Percepção e atitudes de proprietários quanto a vacinação de cães na região sul do estado do Espírito Santo – Brasil. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 26-32, 2013.

SUZUKI, K.; PEREIRA, J. A.; FRIAS, L. A.; LOPEZ, R.; MUTINELLI, L. E.; PONS, E. R. Rabies-vaccination coverage and profiles of the owned-dog population in Santa Cruz de la Sierra, Bolivia. **Zoonoses and Public Health**, Berlin, v. 55, n. 4, p.177-183, 2008.

SYKES, J. E. Canine Distemper Virus Infection. *In*: Sykes, J. E. **Canine and Feline Infectious Diseases**. 1. ed. St Louis: Elsevier, 2014.

TORDON, N. Characteristics and molecular biology of the rabies virus. *In*: MESLIN, F. X.; KAPLAN, M. M.; KOPROWSKI, H. (org.). **Laboratory techniques in rabies**. 4. ed. Geneva: OMS, 1996.

Uso de Internet, televisão e celular no Brasil. **IBGE EDUCA**. 2018. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

VIGILATO, M. A.; CLAVIJO, A.; KNOBL, T.; SILVA, H. M.; COSIVI, O.; SCHNEIDER, M. C.; LEANES, L. F., BELOTTO, A. J.; ESPINAL, M. A. Progress towards eliminating canine rabies: policies and perspectives from Latin America and the Caribbean. **Philosophical transactions of the Royal Society B: Biological sciences**, London, v. 368, n. 1623, p. 1-8, 2013.

WADA M. Y.; ROCHA S. M.; MAIA-ELKHOURY A. N. S. Situação da raiva no Brasil, 2000 a 2009. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 20, n. 4, p. 509-518, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Expert Consultation on Rabies: second report**. 2013. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85346/1/9789240690943_eng.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Percepção de tutores de cães e gatos quanto à importância da vacinação contra doenças virais - delineamento socioepidemiológico”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Profa Dra Aline Santana da Hora (FAMEV – UFU), Geovana Alves Justino Silva, Maria Luiza Querino Andraus, Mônica Lopes Macedo, Lana Isabella Gila, Taicy Sigaki dos Santos, Tatiane Marquini Ribeiro (FAMEV – UFU).

Nesta pesquisa nós estamos buscando saber o quanto os tutores de cães e gatos conhecem sobre a prevenção de doenças virais através da vacinação; além de saber as características sócioepidemiológicas de cada tutor e seus animais.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador _____ e ocorrerá antes da coleta de dados e será realizada nas dependências do Hospital Veterinário – FAMEV – UFU.

Na sua participação, você será submetido a um questionário e receberá informações de como prevenir seu animal, através da vacinação.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

A pesquisa possui o risco mínimo de identificação do participante da pesquisa. Os nomes dos participantes da pesquisa não serão registrados no formulário para que se evite a identificação dos mesmos. Cada formulário receberá uma numeração para identificação.

O benefício obtido com este estudo são o maior entendimento das formas de prevenção de doenças virais em pequenos animais, através da vacinação.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos

resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Profa Aline Santana da Hora, Faculdade de Medicina Veterinária – FAMEV - *campus* Glória - Bloco 1CCG SALA 211A, BR-050, KM 78, CEP: 38410-337; tel: (34) 2512-6802. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bl. A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; tel: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante

APÊNDICE B– QUESTIONÁRIO SOCIOEPIDEMIOLÓGICO

Questionário Vacinação

*Obrigatório

1. Nome do entrevistador *

2. Número do formulário: *

3. Qual bairro você mora? *

4. Qual a escolaridade mais alta dos membros da família? *

Marcar apenas uma.

- nenhuma
- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo

5. Você tem acesso a internet? *

Marcar apenas uma.

- Sim
- Não

6. Quantas pessoas fazem parte da família? *

7. E quantas trabalham? *

8. Quantos cães você possui?

9. Quantos gatos você possui?

10. Para os tutores de gato, o(s) seu(s) animal(is) tem acesso à rua?

Marcar apenas uma.

Sim

Não

11. Para os tutores de gato, o seu animal é castrado?

Marcar apenas uma.

Não

Sim

Alguns

12. Para os tutores de gato, o seu animal foi vacinado nos últimos 12 meses?

Marque todas que se aplicam.

- Não
 Vacina Antirrábica
 Vacina polivalente
 Vacina contra leucemia felina - FeLV
 Não sabe informar

Outro: _____

13. Se NÃO na resposta anterior, qual o motivo?

14. Em qual local você leva seu gato para tomar vacina?

Marque todas que se aplicam.

- Campanha antirrábica
 Veterinário
 Casa Agropecuária

15. Para os tutores de cão, o(s) seu(s) animal(is) tem acesso à rua?

Marcar apenas uma.

- Sim
 Não

16. Para os tutores de cão, o seu animal é castrado?

Marcar apenas uma.

- Sim
 Não
 Alguns

17. Para os tutores de cão, o seu animal foi vacinado nos últimos 12 meses?

Marque todas que se aplicam.

- Não
 Vacina antirrábica
 Vacina polivalente para cães
 Vacina contra leishmaniose
 Não sabe informar

Outro: _____

18. Se NÃO na resposta anterior, qual o motivo?

19. Em qual local você leva seu cão para tomar vacina?

Marque todas que se aplicam.

- Campanha antirrábica
 Veterinário
 Casa agropecuária

20. Nos últimos 12 meses, quantas vezes foi ao veterinário?

Marcar apenas uma.

- Nenhuma
· Sim, 1-5 vezes
· Sim, 6-10 vezes
· Sim, mais que 10 vezes

21. Se nenhuma na resposta anterior, qual o motivo?

22. Se sim, recebeu alguma orientação feita pelo veterinário sobre a importância da vacinação antes de hoje?

Marcar apenas uma.

- Nenhuma
 1 vez
 Algumas vezes
 Várias vezes

23. Você sabia que existe vacina para seu cão?

Marcar apenas uma.

- Sim, apenas antirrábica
 Sim, apenas polivalente
 Sim, vacina antirrábica e polivalente
 Não

24. Você sabia que existe vacina para seu gato?

Marcar apenas uma.

- Sim, apenas antirrábica
 Sim, apenas polivalente
 Sim, vacina antirrábica e polivalente
 Não

25. Qual sua maior fonte de informação sobre como cuidar do seu animal?

Marque todas que se aplicam.

- Veterinário
 Internet
 Amigos/conhecidos que tem outros animais

Outro: _____

26. Após as explicações que você acabou de receber sobre vacinação, você irá vacinar seu animal?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE C – FOLHETO INFORMATIVO



Porque é importante vacinar o meu animalzinho?

Algumas doenças podem ser **fatais** para o seu animal e essas doenças são prevenidas pelas vacinas.



Para os **cães** existem duas doenças virais muito perigosas, que podem ser **fatais**: a **parvovirose** e a **cinomose**.

Para os **gatos** a vacinação também previne duas doenças que podem ser **fatais**, a **panleucopenia felina** e a **leucemia viral felina**.



Para **cães** e **gatos**, a vacinação contra a **raiva** (vacina antirrábica) é essencial, porque essa doença pode **matar** o seu animalzinho, assim como as pessoas que forem mordidas por eles.

Quais são as vacinas que devo dar ao meu cão?

Os cães precisam de 2 vacinas muito importantes, são elas:

- **Vacina antirrábica:** distribuída gratuitamente em campanhas municipais no mês de agosto.
- **Vacina polivalente:** que previne contra diversas doenças, inclusive a **parvovirose** e a **cinomose**.

Quais são as vacinas que devo dar ao meu gato?

Para os gatos são recomendadas 3 vacinas essenciais:

Vacina antirrábica: distribuída gratuitamente em campanhas municipais no mês de agosto.

Vacina polivalente: que previne contra diversas doenças, inclusive a **panleucopenia felina**.

Vacina contra a leucemia viral felina: deve ser dada apenas para gatos que vão para rua ou para gatos que vivem com gatos que tem essa doença. **IMPORTANTE:** O gato tem que ser testado para leucemia antes da vacinação.

Calendário de vacinação de filhotes

CÃES

Idade do cão	Calendário de vacinação
6-8 semanas	1ª dose polivalente
10-12 semanas	2ª dose polivalente
15 semanas	Vacina antirrábica e 3ª dose polivalente
1 ano	Reforço da vacina polivalente

GATOS

Idade do gato	Calendário de vacinação
6-8 semanas	1ª dose polivalente e da vacina contra leucemia
10-12 semanas	2ª dose polivalente e da vacina contra leucemia
15 semanas	Vacina antirrábica e 3ª dose polivalente
1 ano	Reforço polivalente,

- ☞ O reforço da vacina antirrábica é anual.
- ☞ Consulte um Médico Veterinário para saber qual o melhor intervalo para o reforço das vacinas dos cães e gatos adultos.
- ☞ Os animais adultos devem ser vacinados com vacinas polivalentes com intervalos de 1 ano. Esse intervalo pode variar de acordo com a análise do Médico Veterinário

Vacine seu animalzinho, isso faz toda a diferença!

*Observação: a vacinação somente pode ser realizada por um Médico Veterinário, que irá examinar seu animal para saber se ele poderá receber a vacina.

Texto por:
Profa. Dra. Aline Santana da Hora